

FH: em lugar da oratória, a sedução como arma

Presidente soma inteligência, habilidade e pragmatismo à ambigüidade e uma boa dose de sorte em sua trajetória

Cavalcante

Tereza Cruvinel

• **BRÁSILIA.** Como intelectual e como político, Fernando Henrique subiu aos píncaros da glória sem sangrar os pés. A mão invisível da sorte ampara sua inteligência. Seu preparo intelectual combina-se com doses imprecisas de sedução, habilidade, pragmatismo e ambigüidade. Para ele, tudo dá certo, até o que parece desastre. Para seu amigo Alain Touraine, Fernando Henrique venceu porque estava intelectualmente certo e soube impor suas idéias. Para José Serra, porque agregou trabalho às suas qualidades. Mas na sociologia da vida, mais valem as metáforas e as passagens.

• **FALAR E OUVIR:** Quando lembra sua prisão na Fortaleza de Lajes, após a rebelião do Forte de Copacabana de 1922, o general Leônidas Cardoso aconselhava seu filho Fernando Henrique: "Nunca deixe de falar com o carcereiro. Mesmo preso, fale o tempo todo". É o próprio Fernando Henrique que conta a passagem a Roberto Pompeu de Toledo na entrevista-livro "O presidente segundo o sociólogo". Ele aprende ainda a envolver, seduzir e convencer com a palavra, a escolher as frases segundo o interlocutor. A fala, e não a oratória, é sua chave política.

Aprende também a ouvir, conferindo ao outro uma sensação de intimidade, e um auto-conceito que pode não corresponder ao que realmente pensa dele. Ouve, concorda, repete sempre a última frase do interlocutor, para depois refutá-lo com elegância. Não raro, o sujeito sai defendendo o que ouviu como se o tivesse dito. E com a auto-estima lá em cima.

Na Presidência, vale-se de outras armas para manobrar o Congresso e os aliados, até do fisiologismo que prometeu banir. Embora nunca fale com o carcereiro, a oposição, é com a boa prosa (que lhe vale o apelido de "gogó de ouro") que arranca apoios e votos. Elegeu-se falando do Real. Agora, em plena crise, convence de que ela é um raio que cai. O caos são os outros.

Não raro perde as medidas, como quando referiu-se aos que se aposentam cedo como "vagabundos". Numa favela, afirmou que "vida de rico é chata". Mas para ele tudo se dissipa. Há tão pouco garantiu, ao meio-dia, que os juros não subiriam. O mercado ui-vou e à noite eles subiram às alturas de 49,75%.

Além da prosa, há o bom humor e a leveza, que fazem dele, como disse Delfim Netto, um encantador de serpentes. Há o sorriso aliciador, só comparável, diz Roberto Campos, ao de JK, que seduzia, e ao de Getúlio, que cativava.

• **A BOA SORTE:** A crise que ronda o mundo cai sobre o Brasil a 50 dias da eleição. A boa sorte parece abandonar Fernando Henrique. Mas não, de novo ela veio com cara de infortúnio. A crise o favorece nas pesquisas e pode garantir sua reeleição. Não há sinal mais claro de uma boa estrela.

Ela põe também as pessoas certas no caminho. "Devo tudo ao Itamar", já disse Fernando Henrique sobre quem o fez chanceler, ministro da Fazenda e pai do Real. Quando entrou para a Faculdade de Filosofia da USP, em 1949, tinha menos de 18 anos, boa cultura e uma inteligência fulgurante. Fez-se logo notar por Florestan Fernandes, mestre da primeira geração de sociólogos brasileiros, que brincava: "Não crio gatos, crio tigres". Florestan indica o tigre preferido para professor-assistente logo que se forma. É seu primeiro Itamar.

A sorte ajuda e ele faz escolhas certas. Após o golpe de 1964, é procurado pela polícia, como outros professores. Esconde-se por uns dias mas decide ir embora. Poderia ter ficado, como outros ficaram, foram presos e depois soltos. Não era um militante, apenas um professor brilhante e progressista. Não foi exilado, como muitos dizem, mas, se ficasse, seria asfixiado. No Chile, vai ensinar no Ilpes e na Flasco e trabalhar na Cepal (Comissão Econômica da

ONU para a América Latina) com gente renomada, como Raul Prebisch, Celso Furtado, Oswaldo Sunkel, Aníbal Pinto e outros. Lá escreverá, com Enzo Faletto, a obra sociológica que mais o projetará. O Chile é também uma festa. Lá faz novos amigos entre os exilados brasileiros, aprecia os vinhos e o céu e vai a festas inescrutáveis da casa de Pablo Neruda. Depois de três anos, outra escolha certa. Aceita o convite de Touraine para ensinar em Nanterre. Não verá o golpe contra Allende no Chile, e sim o Maio de 1968 em Paris.

De volta ao Brasil em julho, conquista a cátedra de política na USP mas será logo aposentado compulsoriamente pelo AI-5. É de novo a sorte vestida de percalço. Funda o Cebrap, seu passaporte para a política. É um intelectual engajado contra a ditadura, atua com a esquerda, mas sempre independente. Ele continua produzindo, faz conferências, aqui e no exterior, é convidado para temporadas em universidades estrangeiras. É o "príncipe dos sociólogos".

Nunca tivera partido, mas em 1978 entra no MDB e disputa o Senado por uma sublegenda. Era quase uma aventura, mas intelectuais, artistas e sindicalistas emergentes como Lula o apóiam. Chega em segundo lugar mas dentro de quatro anos herdará o mandato de Franco Montoro, que se elegerá governador. A sorte sopra e ele sabe aproveitar.

Em 1985, concorre à Prefeitura de São Paulo. Hesita sobre Deus e senta-se na cadeira antes do pleito. Perde, mas hoje agradece. Ganhando, talvez nunca chegasse ao Planalto. Não voltaria ao Senado em 1986, para estar no lugar certo em 1994.

• **AMBIGÜIDADE E HABILIDADE:** Ruth Cardoso está brava na manhã de 20 maio de 1993. Seu marido fora nomeado ministro da Fazenda e ela não sabia. Ele é chanceler, está em Nova York, e lhe diz por telefone que Itamar o nomeara à revelia, sem esperar a resposta final ao convite. Ela protesta: "Alguma coisa você deve ter dito que o fez acreditar que você aceitou". De fato. Uma ligação de Itamar, na véspera, o alcançara jantando na casa do embaixador Sardenberg: Eliseu Resende danara-se, ele tinha que aceitar. Fernando Henrique levanta objeções mas termina com um "bom, você é que decide". A nomeação sai no Diário Oficial.

Esta é uma metáfora da ambigüidade, que nele opera para o bem e para o mal, diz um amigo. Ajuda, pois não confrontando, Fernando Henrique reduz atritos. Mas também trava a tomada de decisões. Decidir, quase sempre, é desagradar e Fernando Henrique tem horror a isso. Na falta de gosto pela decisão, um auxiliar atento à psicologia de seus atos vê a origem da crise. Medidas necessárias deixaram de ser tomadas por esta inércia reforçada pela passividade de Malan e pelo temor ao deus Mercado. Não se mexeu no câmbio, não se fez a reforma tributária. Manteve-se a aposta no financiamento externo e nos juros altos.

Seu governo está pontilhado pela ambigüidade, virtude no homem de poder, pecado no homem de saber, como ele disse naquela aula no Hospital Sarah. Na academia, deve-se dizer tudo, no poder, nem tudo. Quando o então ministro Jatene propõe a CPMF, o Congresso fica meses sem saber se a proposta é do Governo ou só do ministro. A área econômica desconversa. O presidente só assume a emenda quando sente que o Congresso vai mandá-las às favas. Quando convidou Luís Eduardo Magalhães para ser líder do Governo, fez o deputado tuca-no José Aníbal entender que seria ministro da Coordenação Política. A posse nunca ocorreu. Sobram exemplos. No baixo clero, ouve-se um rosário sobre promessas não cumpridas. Neste caso, santa ambigüidade, pois quase sempre os pleitos eram fisiológicos.

Há nuances entre habilidade, ambigüidade e pragmatismo. Fazendo o Real, arranca do Con-

gresso o Orçamento que queria. Explora pragmaticamente a debilidade de uma Casa abalada pelo escândalo do Orçamento. Chegou a falar grosso e ameaçou demitir-se. Negocia incansavelmente o Fundo Social de Emergência para arrumar as contas. É quando o PFL se oferece como aliado se ele fosse candidato. Fez mesmo o Real às claras. Só os desatentos surpreenderam-se quando, no comércio com Antônio Carlos Magalhães em Santa Maria da Vitória, na Bahia, em julho de 1994, as pessoas beijam as notas e pedem autógrafos. Agora a paixão passou para boa parte de seus eleitores, mas eles não confiam em mais ninguém.

Quando chega ao Senado, em 1982, com ternos brancos e um discurso novo, sofisticado e analítico, mas inteligível, Fernando Henrique encanta a imprensa e enciúma as raposas. Não é do ramo, não vai durar aqui, elas dizem. Verão que não. Ele participa da campanha das diretas e ao mesmo tempo conversa com Tancredo Neves. Quando a emenda é derrotada, já é interlocutor do candidato natural pela via indireta. Tomará gosto pela articulação na costura da aliança entre o PMDB e os dissidentes do PDS que formam a Frente Liberal: Marco Maciel, Jorge Bornhausen, os mesmos aos quais se aliará em 1994. Quem sonhou votar nele pa-

ra presidente tem que engolir o PFL.

— Sem o PFL, daria para ganhar, mas não para governar — diz hoje.

Nas greves de 1979, está com Lula no ABC. Discute-se a formação de um partido socialista, mas, quando nasce o PT, prefere ficar no PMDB. Talvez antevisse a vacância do Senado, especula-se mais tarde. Reelege-se senador em 1986, mas quando o partido se lambuza no fisiologismo, sai com Mário Covas, José Serra, Euclides Scalco e outros para fundar o PSDB. É Covas que depois o salva, e ao partido, das tentações de Collor.

Em 1993, apóia o impeachment e enquanto a CPI caça fantasmas, prepara o solitário Itamar para assumir a Presidência. Ele tem muito a oferecer: prestígio, mídia, trânsito nas elites e no exterior. Itamar sabe ser grato. Dá-lhe em dobro.

• **OLHANDO PARA A DIREITA:** Quando Fernando Henrique se alia ao PFL, causa dor-de-cotovelo em setores da esquerda. Em verdade, ele nunca foi "da" esquerda. Flertou com o PCB sem jamais filiar-se. Descobre cedo o stalinismo e passa ligeiro pela crítica de Trotski ao desvio burocrático. Já gostava de Weber quando conhece Marx, no hoje famoso "grupo de O capital". Mas do mar-

xismo faz um instrumento teórico, não uma fé.

Não deve mesmo ter pedido para esquecerem o que escreveu. A obra é coerente e já combate as teses da esquerda. Só que antes, ele combatia de dentro. "Dependência e desenvolvimento na América Latina" contrapõe-se aos reformistas que pregavam a aliança com a burguesia nacional. E aos revolucionários que pregavam a luta armada. Contesta ainda a doutrina da Cepal, de que os países periféricos do capitalismo terão que se desenvolver reproduzindo as etapas por que passaram os industrializados. Ele e Faletto dizem que há sim chance de desenvolvimento na periferia. Que isso depende das condições internas e das relações com os países centrais do sistema. Ali, já estava no centro, dialogando com a esquerda mas olhando para a direita.

— Nos anos 60, escrevi este livro sobre a dependência, que é o oposto do que hoje dizem que teria escrito. Era uma tentativa de dizer coisas semelhantes às que digo hoje sobre globalização — diz a Mário Soares, em "O mundo em português - um diálogo". Antes da crise, comparava a globalização a um novo Renascimento. Para renascer, se reeleito, seu governo não pode ser o mesmo. Aí, sim, talvez tenha de pedir para que esqueçam o que disse. ■

